

A Criatividade Lexical do Português Brasileiro na Imprensa Escrita Catalana

Alexandre António **TIMBANE***
Fabiana Ferreira da **ROCHA****

* Doutorado (2013) em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), *Campus* dos Malês (BA). Contato: alextimbana@gmail.com.

** Graduação em Letras-Português pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-Graduação em Complementação Pedagógica. Pós-Graduação em Letramento e Educação Infantil. Mestranda em Estudos da Linguagem. Professora da Secretaria de Educação de Catalão-GO. Contato: fabiana.rochago27@gmail.com.

Resumo:

A pesquisa discute a ocorrência de neologismos semânticos e lexicais nos principais jornais catalanos: *Jornal Diário Dito e Feito* (JDDF) e *Jornal Diário de Catalão* (JDC). A pesquisa visa a analisar a formação lexical do português brasileiro baseando-se em *corpus* escrito. A pesquisa descreve a variação léxico-semântico do português catalano; identifica a criatividade lexical e classifica os neologismos presentes nos *corpora* escritos. Escolheu-se aleatoriamente 5 edições do JDC e 11 edições do JDDF de 2016, selecionando os temas: i) notícias de Catalão; ii) notícias do Estado; iii) notícias do esporte; e iv) notícias das variedades. A identificação dos neologismos teve como *corpus* de exclusão o Dicionário Houaiss (2009). Da pesquisa concluiu-se que os jornais têm alta ocorrência de estrangeirismos (136 casos) e que a formação de palavras dentro do português ocorreu em 100 casos. O JDDF teve uma ocorrência maior (91) de casos de formação por derivação e composição. A pesquisa observou a formação de palavras por meio de siglas e acrônimos presentes no *corpus* em 57 casos. O português catalano varia sob ponto de vista semântico das palavras, resultado dos contextos regionais que o caracterizam, mas também há casos de formação de nomes próprios de produtos.

Palavras-chave:

Português. Neologismos. Jornais catalanos.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 23, n. 3, p. 10-27, dez. 2020

Recebido em: 13/02/2020

Aceito em: 29/07/2020

A Criatividade Lexical do Português Brasileiro na Imprensa Escrita Catalana

Alexandre António Timbane; Fabiana Ferreira da Rocha

INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa (LP) chegou ao Brasil com a colonização, uma vez que, antes dela, o território era ocupado por populações indígenas que falavam diversas línguas da família tupi-guarani. Com a chegada de europeus (portugueses, italianos, espanhóis etc.), de africanos (majoritariamente do grupo bantu) e de asiáticos (chineses, japoneses etc.) começou um processo de formação de uma nova identidade linguística expressa por meio de uma língua geral, em um primeiro momento. Língua geral foi uma língua franca adotada e utilizada pelos nativos (povos indígenas) e pelos estrangeiros (soldados portugueses e outros exploradores). Por conseguinte, a língua geral passou a ser a língua materna de muitas crianças. Essas crianças são filhos de casamentos entre população indígena e estrangeiros, em sua grande maioria. Mais tarde, políticas linguísticas coloniais forçaram, por meio de leis e decretos, o abandono da língua geral e a adoção do português como língua de unidade nacional, língua da pátria e, sobretudo, língua oficial do Brasil (DIAS, 2001; SOUZA, 2001; NOLL; DIETRICH, 2010). Dessa forma, a língua brasileira teria como referência a fala naturalizada no contexto sociocultural brasileiro.

Percebe-se, a princípio (neste contexto sociocultural e político), que o português do Brasil (PB) iria se distanciar do português europeu pela razão da existência de mistura de povos falantes de diferentes idiomas. A língua brasileira, segundo Fiorin e Petter (2008) e Noll e Dietrich (2010), recebe influências lexicais de tupinismos, de guaranismos, de africanismos, de japonismos e de muitas outras línguas vindas com exploradores, escravos e militares coloniais, fazendo surgir a variedade brasileira do português.

A língua é um dos instrumentos de comunicação e de identidade cultural. É impossível dissociar a língua da cultura, porque os dois estão integrados, concomitantemente criando assim uma cumplicidade funcional. Segundo Biderman (1998, p. 81), “cada cultura foi ordenando, a seu modo, o caos primeiro através de seus mitos. A palavra assume assim nos mitos de cada cultura uma força transcendental; nela deitam raízes os entes e os acontecimentos”.

Olhando para a língua brasileira, compreende-se que ela não ficou estática ao longo dos anos, o que significa que se distanciou geográfica e linguisticamente com relação à variedade europeia. Essas variações e mudanças linguísticas continuam até os dias de hoje, e é por isso que se pretende oferecer uma contribuição para a compreensão do estado atual do português brasileiro. O trabalho com a escrita justifica-se pelo fato de que a escrita, em especial a ortografia, serve para neutralizar a variação (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2004).

Olhando a língua como entidade que muda e varia de acordo com as variáveis sociais, urge a necessidade de compreender como os catalanos escrevem o português nos jornais. Daí se levanta a seguinte pergunta de partida: entendendo o português do Brasil como a soma de variantes e variedades linguísticas faladas/escritas no Brasil, como se manifesta, especialmente na cidade de Catalão, estado de Goiás, a variação léxico-semântica? Avança-se hipótese de que o léxico, sendo uma das faces mais visíveis da língua, manifesta-se pela presença de empréstimos e estrangeirismos provenientes dos anglicismos e tupinismos. O português catalano, sob o ponto de vista semântico, varia das palavras-resultado dos contextos regionais que

o caracterizam. A pesquisa tem por objetivo analisar a formação lexical do PB baseando-se em *corpus* escrito extraído de dois jornais de maior circulação em Catalão-GO. Como objetivos específicos, a pesquisa visa a: descrever a variação léxico-semântico do português catalano; analisar lexicalmente dois jornais, o *Jornal Diário de Catalão* e o *Jornal Diário Dito e Feito*; identificar a criatividade lexical nos artigos de jornal; e classificar os neologismos presentes nesses *corpora* escritos.

O artigo está dividido em seis seções. Na primeira, discute-se a noção de neologismo, o seu surgimento e a complexidade do seu estudo. Seguidamente, aborda-se a criatividade lexical de uma língua, focando as causas que compartilham na formação de palavras. Depois, faz-se um contraponto com a variação geográfica, tentando mostrar que, dentro da LP, as palavras variam segundo os lugares geográficos, o que resulta da diferença de culturas entre os falantes. Houve a necessidade de aprofundarmos a questão do *corpus* de exclusão e a duração de um neologismo. São conceitos importantes e mereceram um debate mais profundo, para compreendermos a neologicidade lexical. Mas também não se deixa de explicar a questão da metodologia de trabalho com neologismos. Discute-se como se pode “garimpar” e quais as formas para procurar e identificar os neologismos. Na parte metodológica, demonstra-se como o *corpus* está formado, a quantidade de materiais usados na pesquisa e as diferentes formações lexicais e semânticas encontradas na pesquisa. Por fim, a apresentação e discussão dos dados e as principais conclusões resultantes da pesquisa.

CONCEITO DE NEOLOGISMO

O sistema linguístico tende a ser estático, resistente às mudanças e às variações, mas o léxico e o vocabulário sempre são sensíveis e contrariam a todo momento esta tendência. O estudo sobre os neologismos é complexo porque o ser humano, pela sua natureza, tem tendências (por instinto ou consciente) a atribuir nomes a tudo. Atualmente constata-se que não basta dar nome comum às coisas. Veremos, mais adiante, como produtos/objetos têm recebido uma ‘espécie de nomes próprios’. Aliás, essa atribuição de nomes sempre está em conformidade com o sistema linguístico.

A criação e a renovação linguística não surgiram hoje. A formação da LP é resultado dessa dinâmica, que aconteceu com o latim na Europa, fato que contribuiu na formação de diversas línguas românicas. A palavra neologismo surge pela primeira vez na obra *Dictionnaire Néologique à l'Usage des Beaux Esprits de ce Siècle, Avec l'Éloge Historique de Pantalón-Phébus*, e em “*un avocat de province*” duas obras escritas pelo Padre Guyot Desfontaines em 1726. Mais tarde, a palavra “neólogo” apareceu na 3ª edição do *Dicionário de Língua Francesa*, em 1728. O termo “neologismos” apareceu depois, em 1734 (SAMADOV, 2007, p. 18-19).

Segundo Pavel (1989), a palavra “neologismo” foi definida em 1735 numa fábula, e sua formação era composta por duas palavras gregas: *neos* e *logos*, que significam “novas” e “palavras”, respectivamente. A obra *La Créativité Lexicale*, de Louis Guilbert, publicada em 1975, é referência indispensável nos estudos neológicos com especial enfoque para a criação de palavras, de ideias e/ou de sentidos novos. O linguista Guilbert iniciou os seus estudos analisando o vocabulário técnico da formação de palavras e percebeu que a língua permitia a manipulação de palavras criando ‘novidade’. O estudioso apoiou-se em trabalhos de Gramática Gerativista Aplicada defendida pelo linguista soviético Saumjan, que sustentava a existência de duas formas de criação ou geração: a geração de palavras e a geração de frases. Guilbert, por sua vez, chega à conclusão de que a criatividade, segundo um modelo funcional, se processa por meio da estrutura da frase e a criatividade segundo a reprodução social (individual ou coletiva), que se verifica numa determinada época histórica (FELLER, 1976, p. 127).

Hoje temos uma gama de estudos que se desenvolvem com propriedade sobre esta questão. No Brasil, pode-se citar os trabalhos de Barbosa (1989), de Biderman (1996, 1998, 1999), Carvalho (2001, 2006, 2009), Alves e Pereira (2015), entre muitos outros. Quando se fala em neologismos, o estudo pode ter a

vertente lexical, a vertente morfossintática, a vertente semântica, a vertente pragmática e a vertente fonética/fonológica. Esta última tem ainda poucos estudos, pois “o fenômeno fonético é, outrossim, ilimitado e incalculável no sentido de que afeta qualquer espécie de signo, sem fazer distinção entre um adjetivo, um substantivo etc., entre um radical, um sufixo, uma desinência etc.” (SAUSSURE, 2006, p. 176).

Os neologismos podem provir de criações dentro da língua (possibilidades criativas dentro da língua) e de importação vindas de outras línguas. Sablayrolles (2006) as designa matriz interna e matriz externa. Para o presente estudo, interessa o estudo dos neologismos lexicais (formação das palavras) e semânticos (sentido ou significado da palavra). O léxico de uma língua, segundo Biderman (1998, p. 91), “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente.” É importante deixar clara a diferença entre o léxico e o vocabulário. Para Biderman (1996, p. 32), o “léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades. No plano das realizações discursivas qualquer sequência significativa será chamada indiferente e imprecisamente de palavra ou vocábulo”.

Enquanto o léxico se localiza em nível do sistema, o vocabulário está em nível da fala, isto é, das realizações individuais da fala. Concordamos com Biderman, uma vez que o léxico é o ator principal na formação de ideias, de discurso e na variação sistemática da língua. A criação lexical é cotidiana na fala de qualquer língua.

Recentemente, o Brasil conheceu uma gama de neologismos que surgiram na arena política: **mensalão, petrolão, democídio, lulês, irresponsabilidade-fiscal, destucalização, dilmamóvel, dolarização, bolsonarismo, gado, coxinha, rachadinha, olavismo, família, laranjas, live**, entre muitas outras. Em junho de 2016, o Reino Unido conheceu o neologismo **Brexit** quando decorria a campanha do plebiscito para se saber se sairia da União Europeia ou não. O neologismo **Brexit** é uma junção de *Britain* (Grã-Bretanha) e *exit* (saída) do inglês. É uma palavra nova, portanto, um neologismo, que enriquece o acervo lexical da língua inglesa. Esses exemplos sustentam a tese de que todas as línguas vivas estão num processo dinâmico de criação e que essa criação resolve as necessidades comunicativas da comunidade de fala. Vejamos, a seguir, como os neologismos lexicais se manifestam numa dada língua.

A CRIATIVIDADE LEXICAL DE UMA LÍNGUA OU NEOLOGISMO LEXICAL

A língua é instável, dinâmica e criativa. A todo o momento, a língua tenta se adaptar às novas realidades sociais, econômicas e políticas. Todas as manifestações da língua se verificam (se materializam) na fala, no indivíduo, e é lá onde ocorrem as primeiras manifestações de variação e mudança linguísticas. Como discutimos na seção anterior, o léxico é geral e a ampliação lexical num idioma é um fenômeno natural, embora haja países que controlam (na base de Comissões e Comitês de julgamento linguístico) a entrada e a integração de neologismos na língua. Na Língua Portuguesa, esse tipo de instituição ainda não existe e, assim, a entrada de neologismos parece pouco arbitrária dentro de uma mesma variedade linguística.

Os neologismos vindos de outras línguas são vistos como “maldosos” por parte de pessoas com pouco conhecimento sobre o fenômeno. O Projeto de Lei nº 1676/1999 (BRASIL, 1999), da autoria do então deputado Aldo Rebelo, é um exemplo claro da preocupação com a beleza e a preservação do idioma lusitano. O Projeto de Lei defende que a chegada de um estrangeirismo no PB deve ter um “visto de estadia” de 90 dias, tal como acontece com estrangeiros que vêm ao Brasil. Findo os 90 dias, a palavra estrangeira deverá ser substituída por palavra ou expressão equivalente em LP (Art. 5º do Projeto). Toda palavra estrangeira que for utilizada será considerada lesiva ao patrimônio cultural brasileiro e punível na forma da Lei (Art. 4º). Como se pode depreender desses dois artigos, parece haver uma intolerância linguística escancarada por parte dos mentores do projeto, pois a língua não é controlada dessa forma.

A criação lexical está intimamente ligada à realidade sociocultural e não tem como se dissociar dela. O fenômeno “estrangeirismo” ocorre em todas as línguas do mundo, pois não existe uma cultura homogênea. Toda cultura é resultado de culturas, de línguas e de hábitos sociais. Discutindo sobre os estrangeirismos e empréstimos em línguas, Alves (1994), Assirati (1998), Humbley (2008) e Sablayrolles e Jacquet-Pfau (2008) mostraram que eles não estragam a beleza da língua, mas, sim, enriquecem o acervo lexical linguístico e semântico.

Se a língua só tem sentido no seio da sua comunidade, então é a ela que devemos respeitar e aceitar as criações lexicais. Os autores mostram que a criação lexical pode ser geral, mas também pode ser de uma área específica, como a informática (HUSTACHE-GODINET, 1993; ASSIRATI, 1998). Só para ilustrar alguns exemplos, os nomes próprios podem mudar para nomes comuns, como acontece em “Ricardão”. Ricardo é um nome próprio. “Ricardão” é um apelido de Ricardo, mas também pode ser nome comum na frase “Ricardão é suspeito de matar marido da amante em Montes Claros” (CAETANO, 2014). Nessa frase, “Ricardão” é nome comum, o que significa que qualquer homem com as características físicas pré-estabelecidas por um grupo social (sarado, bonito etc.) para ser Ricardão pode ser chamado como tal.

Outro exemplo é o adjetivo “velho”, que está datado em 1162 pelo *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1929). Das 9 acepções presentes no dicionário, não aparece o sentido de “cara” ou “amigo”. Na frase “Velho, me ajuda aí”, a palavra evoluiu o seu significado e adquiriu outros sentidos; daí que se trata de um neologismo semântico. Essa extensão do significado é frequente em todas as línguas e deve ser entendida como fenômeno natural. Terminamos esta parte citando o exemplo do substantivo comum “joia” (ex. “Eu tenho uma joia”), que em alguns momentos se transforma em adjetivo (ex. “Eu estou joia”). Quando a palavra “joia” surgiu, no séc. XIV, significava apenas “objeto de material precioso”, segundo Houaiss e Villar (p. 1135). Devido aos contextos histórico-culturais, o substantivo “joia” evoluiu, passando de nome para adjetivo que significa “bom, bem, certo, correto”.

A VARIAÇÃO GEOGRÁFICA DO LÉXICO

Sapir (1969, p. 59) aponta que “a mudança cultural e a mudança linguística não ocorrem ao longo de linhas paralelas e, portanto, não tendem a se manter numa relação causal íntima.” A inserção numa língua na cultura ocorre sempre num contexto histórico muito especial, não só porque cada pessoa tem sua história, mas também porque a língua muda com o tempo, com as circunstâncias, com os gêneros e os tipos de mídia em que é usada, e tudo isso é instável.

Dessa forma, certas palavras apareceram em certas línguas porque o povo que as falava tinha um interesse singular pelas realidades que elas exprimem, e que por esse motivo elas não podem ser traduzidas. Ilari (2013) dá o exemplo da palavra “saudade”, que teria sido inventada pelos portugueses e que não teria um equivalente adequado em outras línguas (“nostalgia”, “regret”, “homesick” seriam, invariavelmente, traduções falhadas). Aprender uma língua como o português, por exemplo, seria mais do que dominar uma cultura de ilustração; seria aprender a estar socialmente em português, o que envolve muito mais coisas do que simplesmente o domínio de formas linguísticas e de curiosidades culturais sobre a língua-alvo do Brasil ou de Portugal ou de Angola.

Mais do que um instrumento, a língua é um símbolo, um modo de identificação, um sistema de produção de significados individuais, sociais e culturais. A cultura não está antes nem depois da língua, nem uma dentro da outra.

Sendo o léxico a parte mais visível da língua, as palavras variam segundo o espaço geográfico. O que no Brasil se chama de **café da manhã** ou **quebra-jejum**, em Portugal é **pequeno almoço** e em Angola e Moçambique se chama **matabicho**. O léxico do português do Brasil se distancia do léxico predominante na

lusofonia. Existe um conjunto lexical mais geral, aquele que pertence ao sistema. Esse léxico é compartilhado por todos e é, sem dúvida, aquele que permite a intercompreensão entre brasileiros e o resto da lusofonia.

Por outro lado, existe um léxico que é característico do Brasil e que não pode ser compreendido pelos outros membros da comunidade lusófona. Por exemplo, se formos perguntar a um falante de português que não seja brasileiro o significado das palavras **jaburu, tuiuí, rei-dos-tuinins, tuiú-quarteleiro, jabiru, tuim-de-papo-vermelho, tuiupara, cauauá**, certamente haverá dificuldade de reconhecer. Por quê? Porque fazem parte do acervo lexical da variedade brasileira.

Todas as palavras citadas são diferentes nomes para designar uma única ave chamada *jabiru myceteria*, da família *ciconiidae*. Língua é cultura e o léxico identifica a cultura. Para uma identificação geográfica mais precisa, Timbane (2013) utiliza os termos moçambicanismos e brasileirismos. Assim como se pode usar os termos cabo-verdianismos, são-tomesismos, portuguesesismos, angolanismos, timor-lestismos, e assim por adiante, para realidades sociolexicais de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Portugal, Angola e Timor-Leste, respectivamente. As palavras ‘cena’ (Moçambique), coisa (em Cabo Verde), trem (no Brasil) e ‘mambo’ (em Angola) têm o mesmo significado. As palavras ‘taco’ (Moçambique), ‘din-din’ (no Brasil), ‘kumbú’ ou ‘jabá’ (Angola) significam ‘dinheiro’. Assim como as palavras ‘berlinde’ (Moçambique), ‘carambola’ (Cabo Verde), ‘bilas’ (Guiné-Bissau), ‘bolinha de gude’ (Brasil) e ‘bilas’ (Angolas) também têm o mesmo significante.

Sobre a questão da variação geográfica do léxico, está mais claro o fato de que nenhuma política linguística pode controlar os contextos socioculturais locais/geográficos da língua. Mesmo a França, que possui o Conselho Superior da Língua Francesa, não consegue controlar os neologismos lexicais das variedades do francês na francofonia. No contexto lusófono não existe nenhuma instituição com intenções semelhantes, até porque a ideia criaria divergências acirradas, uma vez que cada país defenderia as suas palavras, inclusive as suas grafias, para o caso de empréstimos e estrangeirismos.

A ampliação lexical no contexto é incentivada pelos contextos sociais/culturais resultantes da situação linguística e étnico-cultural, resultando num enriquecimento em todos os aspectos linguísticos incluindo o lexical. A criatividade lexical surge da necessidade de designar produtos, conceitos recém-criados em outra língua e que são adotados por razões culturais, financeiras, científicas etc. (TIMBANE, 2013, 2014).

CORPUS DE EXCLUSÃO E A DURAÇÃO DO PROCESSO NEOLÓGICO

Designa-se por *corpus* de exclusão o material oral ou escrito que serve para identificar se um determinado material ou fenômeno linguístico faz parte ou é inexistente. Nos estudos da neologia, utiliza-se o *corpus* de exclusão para verificar se uma determinada unidade lexical é neologismo ou não. O dicionário de língua tem sido utilizado para verificar essa existência ou não. Na atualidade, sugerem-se quatro os dicionários importantes na LP: (a) Novo Aurélio: o dicionário da língua portuguesa do século XXI; (b) Michaelis: moderno dicionário da LP; (c) Dicionário Houaiss da LP; e (d) Dicionário UNESP da LP.

Com relação aos *corpora*, há que se considerar vários arquivos existentes em universidades e instituições importantes. Podem-se citar os exemplos de: (a) Corpus de Português (<http://www.corpusdoportugues.org/>); (b) Corpora de Português/Projeto COMET (<http://comet.fflch.usp.br/corporaportugues>); (c) Corpus Brasileiro (<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>); e (d) Corpus de Referência do Português Contemporâneo (<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc>), entre outros.

A dicionarização de palavras traz uma garantia de que, em algum momento da história, a palavra será consultada ou usada, contrariamente quando a palavra estiver na memória oral da comunidade. Concordamos com a ideia segundo a qual, em culturas onde as línguas são ágrafas, a morte de um membro da comunidade é equiparada com a destruição de uma biblioteca, pois não se sabe onde se pode consultar certas experiências. A inclusão da palavra no dicionário não é garantia de que a palavra será usada com frequência por parte da

comunidade linguística, mas é uma garantia de que ficará conservada e poderá ser consultada em algum momento da história.

Sabe-se, ainda, que há muitas palavras que utilizamos no dia a dia e que ainda não foram dicionarizadas. Por quê? Porque nos *corpora* utilizados na elaboração do dicionário não ocorreu tal palavra. A palavra “encoxador” é muito bem conhecida pelos paulistanos. Foi em metrô de São Paulo que a palavra surgiu e se espalhou. Define-se por “encoxador” o indivíduo de sexo masculino que abraça, encosta ou roça seu órgão sexual em uma mulher em espaço público e sem consentimento dela. Define-se por “carroçódromo” a passarela ou o espaço por onde desfilam carroças de boi em festas de “Divino Pai Eterno.” Concluindo, palavras como “encoxador”, “carroçódromo”, “trolar” são usadas com frequência no português brasileiro e ainda não foram dicionarizadas. Estas palavras ocorrem apenas na variedade brasileira do português e refletem realidades do contexto sociocultural do Brasil.

Há momentos em que uma expressão se torna um substantivo, como por exemplo: “cara de pau”. Falantes da variedade brasileira de português podem não perceber que esta expressão já é um substantivo. O seu uso é tão generalizado que ninguém presta atenção que evoluiu semanticamente de tal forma que pode ser compreendido como uma palavra, um substantivo que merece sua definição. Por exemplo: “O cara de pau bateu na mulher” ou “ele é cara de pau”. Nestes exemplos, percebe-se que “cara de pau” é um substantivo com gênero neutro, pois desempenha a função de substantivo e adjetivo simultaneamente.

Iniciamos este debate afirmando que o estudo sobre os neologismos é complexo. Sempre têm surgido perguntas interessantes que procuram aprofundar essa questão: quanto tempo dura um neologismo? Até que ponto se pode dizer que certa palavra deixou de ser nova? Será que as unidades lexicais **sutiã, jeans, shopping, arara, acaé, açu, jacaré, batuque, caçula, moleque, quizumba**, entre outras, ainda são estrangeirismos no português? Se não, o que fez com que elas deixassem de ser vistas como estrangeiras?

Pois é. São questionamentos de fundo porque é difícil medir ou avaliar a duração do processo neológico. Alguns linguistas, como Sablayrolles (2006, 2012) e Bouzidi (2010), defendem que a “duração” depende do estado da palavra e do “sentimento neológico” na comunidade linguística. Segundo Bouzidi, a “duração” é variável relativa porque vai depender da frequência do uso por parte dos falantes. Entendemos que a datação do surgimento seria uma melhor prova da neologicidade. Mas, em muitos casos, não se sabe quando, onde e como surgiu o neologismo. Mas há palavras, sobretudo da área da política e da informática e tecnologia, que se pode identificar o período temporal da sua criação, como são exemplos ‘mensalão’, ‘tuitar’, ‘facebookar’, ‘petrolão’, ‘Brexit’ etc.

Entendemos que o “sentimento neológico” se verifica pelo processo de lexicalização e de dicionarização. Sendo assim, Bouzidi defende que o processo neológico inicia desde o processo da criação até o momento da admissão ou aceitação num dicionário geral. O espaço do tempo entre o surgimento e a aceitação no dicionário depende de vários fatores. Um dos fatores principais é a frequência do uso, porque a frequência fará com que a palavra apareça nos *corpora* que serão utilizados na elaboração do dicionário.

METODOLOGIA DO TRABALHO COM NEOLOGISMOS

Identificar um neologismo é uma tarefa bastante complexa e depende dos fatores que são selecionados pelo pesquisador. Uma das primeiras tarefas do neologista é determinar o que vai considerar de “neologismo” e quais as características. A determinação dos critérios de classificação dos neologismos permite tratar todas as palavras de forma igual sem que haja discrepâncias. Quer dizer, procura-se uma e única régua para se medir vários objetos de maneira uniforme. O pesquisador precisa ter noção do léxico da língua e medir a temporariedade da palavra, isto é, determinar se a palavra ou a ideia é recente ou antiga. Pode-se separar o tempo por séculos, décadas, anos ou meses, dependendo do que se pretende estudar. Deve-se determinar se o

estudo é sincrônico ou diacrônico. O pesquisador deve ser um leitor ativo ou indivíduo que se mistura com os falantes locais, porque será atentado a compreender a frequência do uso tanto na oralidade (na fala dos membros da comunidade) quanto na escrita (jornais, avisos, *outdoors*, literatura etc.).

A palavra só será nova se for sentida pelos falantes como tal, pois os falantes fazem parte do grupo maior que busca as regras ao sistema (língua). Significa que só serão neologismos se a unidade lexical ou semântica não configurar no acervo geral do sistema ou no psíquico coletivo dos falantes. Outra possível forma de “medição” do neologismo é o que se chama *corpus* de exclusão. No *corpus* de exclusão escolhe-se um dicionário para servir de consulta, para verificação da neologicidade. Toda palavra que não consta do dicionário será considerada “nova”. Portanto, a consulta da neologicidade pode ocorrer em nível da consulta direta dos falantes ou através do uso de um *corpus* de exclusão.

O importante é que o dicionário deve ser monolíngue, representativo na língua, devendo ser reconhecido pelos pesquisadores da área da sua idoneidade, pelo fato de ter utilizado uma gama de *corpus* representativo (artigos, jornais, cartas, revistas, documentos formais e informais, etc.) e que tenha um número considerado de entradas que fazem parte de um tesouro lexical de 1000.000 a 400.000 palavras. Um dicionário padrão, segundo Biderman (1998), deve ter em torno de 50.000 palavras.

Está claro que não existe um dicionário que tenha registrado “todas” as palavras usadas pela comunidade linguística. A ausência de alguns itens lexicais se justifica pelo *corpus* utilizado (*corpora* textuais de referência), pela frequência do uso de certas palavras, pela aceitação dos falantes ou, ainda, pela má compreensão do lexicógrafo no momento da seleção e análise dos itens. Mesmo assim, o dicionário não deixa de ser um instrumento importante para o trabalho com neologismos. Não deixaremos de recomendar que o “garimpo” aos neologismos pode ser feito de forma manual ou eletrônico. O primeiro método leva mais tempo e é difícil quando os *corpora* de pesquisa são numerosos, enquanto o segundo é auxiliado por programas e aplicativos informáticos. Nesse caso, a pesquisa tem sido mais célere.

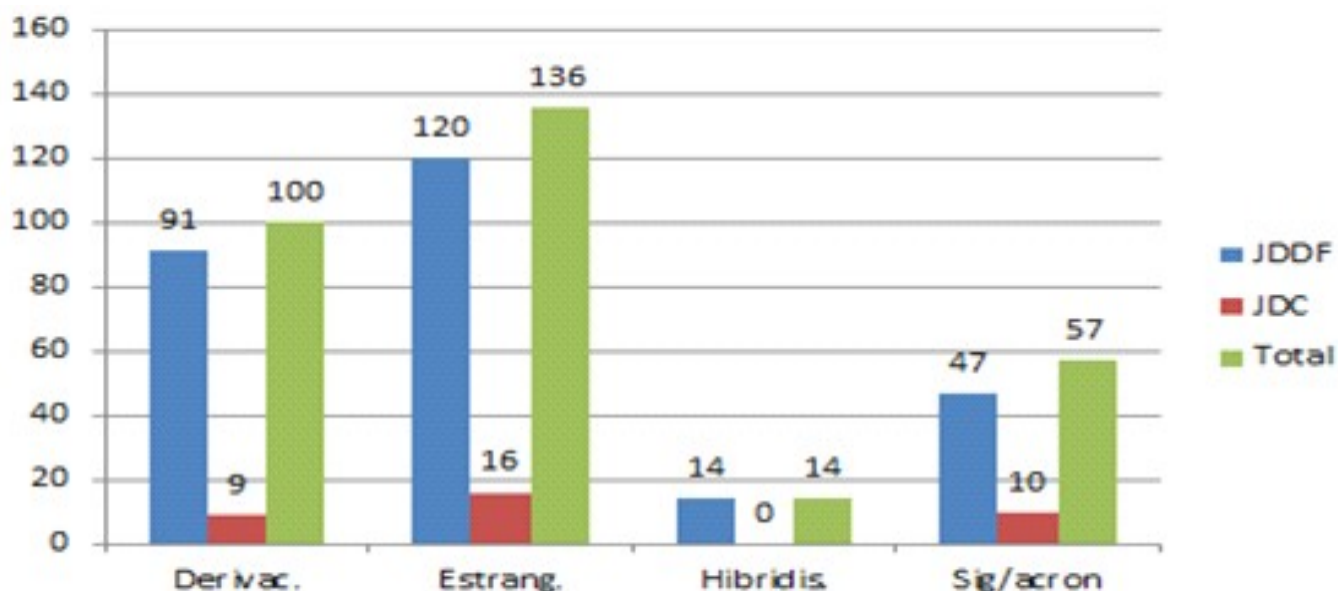
A IMPRENSA ESCRITA EM CATALÃO-GO E A PESQUISA DE NEOLOGISMOS

A imprensa escrita catalana de maior circulação é o jornal. Os jornais registram notícias locais, nacionais e internacionais em língua portuguesa, respeitando a “norma-padrão” ou “cultura” sugerida pelas gramáticas normativas. Sabe-se que todos os artigos publicados na imprensa escrita passam por uma revisão do editor antes da sua publicação, mas não deixam sempre de refletir marcas linguísticas individuais dos autores. A escrita segue as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A escolha da pesquisa com jornais se justifica pelo fato de serem escritos e impressos na cidade de Catalão, estado de Goiás. Os jornais *Diário de Catalão* (JDC) e *Diário Dito e Feito* (JDDF) são diários e circulam na cidade de Catalão contendo de 6 a 12 páginas. O JDC custa R\$ 1,00 e o JDDF é gratuito. Nos jornais concentramos a nossa pesquisa na identificação e seleção de neologismos lexicais e semânticos, procurando sempre extrair e apresentar alguns exemplos ao longo da seção da análise dos dados. Foram analisadas 5 edições do JDC e 11 do JDDF. As principais editoriais dos jornais que serviram de objeto de análise foram: cidades (ou notícias locais), Estado (notícias do país), esporte (nacionais e internacionais), variedades, moda e entretenimento. É importante deixar claro que a pesquisa incide na ocorrência de neologismos e não na frequência. Esta pesquisa não foi submetida à Comissão de Ética porque trata-se de material de acesso livre e público. Vejamos alguns resultados a seguir.

Analisando Casos Neológicos em Jornais Catalanos

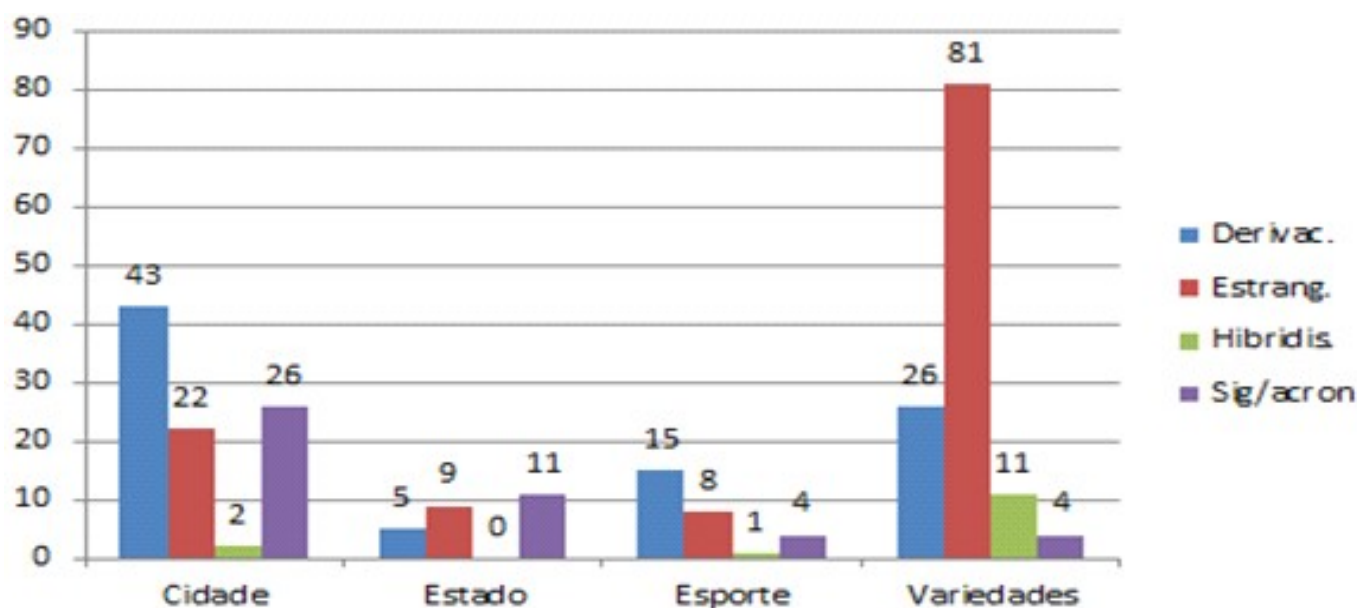
Os dados da pesquisa mostram que o JDDF apresenta mais casos de formações lexicais se compararmos com o JDC. Talvez o número maior de páginas do JDDF tenha contribuído para o aumento de ocorrência de neologismos lexicais e semânticos. Senão vejamos:



Fonte: Elaborado pelos autores.

Legendas: Derivac: Palavras formadas por derivação Estrang. = Estrangeirismo Hibridis. = Hibridismo
 JDDF= Jornal Diário Dito Feito JDC=Jornal Diário de Catalão

Gráfico 1 – Dados gerais dos jornais *Diário Dito Feito* e *Diário de Catalão*



Fonte: Elaborado pelos autores.

Legendas: Derivac: Palavras formadas por derivação Estrang. = Estrangeirismo Hibridis. = Hibridismo
 JDDF= Jornal Diário Dito Feito JDC=Jornal Diário de Catalão

Gráfico 2 – Dados do *Jornal Diário Dito e Feito*

O Gráfico 1 mostra que ocorreram 100 casos de neologismos formados por processos de derivação, isto é, formações por prefixação e sufixação. Inclui-se neste grupo unidades lexicais da matriz interna que adquiriram outros sentidos semânticos ao longo do tempo. Relativamente à nossa base de consulta e de exclusão, o *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009) permitiu-nos observar 136 casos de estrangeirismos vindos, na sua maioria, da língua inglesa. O JDC não registrou nenhum caso de hibridismo. Palavras formadas a partir de acrônimos e siglas chegaram a 57 casos, tendo o JDDF apresentado 47 casos. Os dados do Gráfico 1 nos levam a concluir que os neologismos estão presentes na imprensa catalana, embora fossem pouco percebidos

pelos falantes. As palavras entram assim, de forma silenciosa, e se instalam na língua. Algumas resistem ao tempo, outras desaparecem ao longo dos tempos antes mesmo de serem dicionarizadas.

Em todos os jornais percebe-se que os autores dos artigos não tratam os neologismos como tais; por essa razão, não grifam nem marcam (com itálico ou negrito). O processo de integração de neologismos é caótico, mas pode ser superado e admitido pelos falantes locais. É importante estudar o comportamento de cada jornal. O Gráfico 2 apresenta dados do JDDF.

O Gráfico 2 ilustra como os neologismos se comportam no JDDF. Os estrangeirismos, com 81 casos, lideram o número de ocorrências de estrangeirismos lexicais. Esses casos ocorrem nas páginas de variedades porque é onde se encontram anúncios de venda/compra, de diversos tipos de publicidade, da tecnologia e de moda. É nesta parte onde se identificaram exemplos do tipo: *silhueta, styling, looks, smoking, off-road, selfie, iphone, instagram, bluetooth*, entre várias outras palavras. Nas notícias da cidade observou-se uma criação de palavras dentro da LP. Nesta parte, os jornalistas criaram palavras por processos de derivação e inovação semântica em 43 casos. Apresentaremos estes casos de forma detalhada mais adiante. O importante a remarcar é a inexistência de casos de hibridismos em notícias do estado de Goiás. Outra criação lexical interessante é a formação de palavras a partir de siglas e acrônimos, cuja ocorrência chegou a 26 casos em notícias da cidade.

O JDC apresentou 16 casos de estrangeirismos, 9 casos de derivação e formação semântica e 10 casos de formação de palavras a partir de siglas e acrônimos. Nessa parte não incluímos os truncamentos, que são as reduções da palavra matriz sem perda de valor semântico. Uma palavra (refrigerante, flagrante, aniversário, responsabilidade etc.) pode passar para truncamento (refri, flagra, niver, resposta etc.) e, depois, criar outras flexões gramaticais (refris, flagras, niveres, irresponsa), constituindo-se assim neologismos lexicais. Esses truncamentos não ocorrem nas variedades do português africano. São específicos do português brasileiro. No JDC não ocorreram casos de hibridismos. Uma das razões do fraco número de ocorrências neste jornal se justifica pelo fato de termos conseguido poucas edições e, também, pelo fato de o jornal ser composto por apenas 6 páginas, número relativamente menor.

Composição

A composição por justaposição ocorre quando não há alteração dos radicais que se unem. Nestes jornais foram identificados alguns casos, como: *climatempo* (JDC, 10/06/16, p. 1), *poupa prazo, poupa tempo* (JDC, 06/06/16, p. 1), *socioambientais* (JDC, 08/06/16, p. 1), *bolsa-família* (JDC, 08/06/16, p. 5), *tucano-chefe* (JDDF, 14/06/16, p. 2), *chapéu guarda chuva* (JDDF, 14/06/16, p. 9), *tia do cafezinho* (JDDF, 20/05/16, p. 3), *santacasa* (JDDF, 14/06/16, p. 8). O sentido de cada uma das partes da palavra de forma separada tem significados diferentes e, assim, quando são juntadas, elas formam novo significado.

As formações por aglutinação ocorrem quando há alteração em pelo menos um dos radicais que se unem. Nos jornais em estudo foram identificadas as palavras: *plurianuais* (plural + anuais), *sinditaxi* (sindicato de taxi), *metrobus* (metropolitano + bus), *empatite* (empate + Tite). Esse fenômeno de junção de nomes acontece com frequência em nomes próprios: *Rosângela* (Rosa + Ângela), *Rosana* (Rosa + Ana), *Eliana* (Elias + Ana), entre muitos outros casos.

Calques de estrangeirismos

Os estrangeirismos são palavras provenientes de outras línguas e se integram na língua. A entrada não é arbitrária nem desorganizada. A língua (o sistema) estabelece regras da integração predeterminadas pela língua de chegada (ALVES, 1994; SABLAYROLLES, 2006; CARVALHO, 2009). Por exemplo, todos os verbos estrangeiros são integrados na primeira conjugação, terminando em **-ar**. Por isso que encontramos verbos do tipo: **facebookar, tuitar, bloggar, startar, deletar, printar, linkar, logar, estressar** e por aí em diante.

Outrossim, a palavra “disk” provém do inglês e significa “disco, superfície plana recoberta com substância capaz de ser magnetizada” (MICHAELIS, 2005, p. 27). O português do Brasil buscou esta palavra inglesa para formar palavras compostas do tipo: disk lanche, disk taxi, disk bebidas, disk frutas, disk entrega, disk água. O “disk” não tem o mesmo significado do inglês. Dessa forma mudou do significado original e ganhou vários significados. Exemplo: “disk taxi: (64) 344270” significa “ligue para o taxi pelo número (64) 344270”; “disk entrega: (64) 344270” significa “se desejar que o seu produto seja entregue ligue para (64) 344270”; disk bebidas: (64) 344270” significa “para comprar bebidas ligue para o número (64) 344270” e por aí em diante. Há uma ideia segundo a qual a palavra “disk” está relacionada ao “discar” dos telefones fixos antigos que usavam o sistema de discar para se fazer a chamada. Mas esses telefones já não são usuais nos dias de hoje. Os telefones atuais são teclados e não discados. Tudo indica que os “inventores” da palavra “disk” quiseram manter a origem “fonética” mesmo distorcendo a grafia inglesa “disc” e o sentido (disco).

Outra palavra que formou calque é a palavra “gringo” (JDDF, 14/06/16, p. 9). A palavra tem origem espanhola “griego” em alusão à expressão “isto é grego para mim”. Esta expressão é usada quando alguém não entende alguma coisa. A palavra gringo está registrada no *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 990) como “indivíduo estrangeiro, residente ou de passagem ao país”. Nesse conceito acrescenta-se “que tenha poder aquisitivo”. Caubói (JDDF, 14/06/16, p. 9) é uma adaptação gráfica de *cowboy* do inglês. Além das definições dadas pelo *Dicionário Houaiss* (p. 425), a palavra evoluiu seus significados. Atualmente ‘caubói’ refere-se a qualquer homem ou mulher que se veste à moda caubói, mesmo que não tenha pastado manadas.

Derivação por prefixação e sufixação

Nos jornais há casos de formação de palavras novas por prefixação. Por exemplo: **pré**-parada gay, **micro**-empreendedor, **ex**-prefeito, **ex**-deputado, **ex**-parlamentar, **vice**-candidato, **in**expressiva, **des**politizar, **tri**atleta, **micro**geração e **mini**geração; e

Há, também, casos de sufixação: politique**iros**, puxassaqu**ismo**, mensal**inho**, peemedeb**ista**, caprich**ada**.

Formação de verbos a partir de nomes próprios

A mudança de classe de palavras é motivada de duas razões: a primeira é pela “necessidade de usar palavras de uma classe em estruturas gramaticais que exigem palavras de outra” e a segunda é pela “necessidade de aproveitar conceitos ocorrentes em palavras de uma classe em palavras de outra classe” (BASILIO, 2008, p. 28). No *corpus* da pesquisa foi identificado um exemplo:

(01) “... o então candidato do PSDB Jardel Sebba, propunha uberlandizar Catalão, ou seja, fazer aqui...” (JDDF, 17/05/16, p. 2).

O verbo “uberlandizar” pertence aos verbos do primeiro grupo e termina em **-ar**. Além dessa mudança gramatical, “uberlandizar” é, ao mesmo tempo, comparar algo com a cidade de Uberlândia.

Estrangeirismos

Na presente pesquisa definimos por estrangeirismos palavras e expressões provenientes de línguas externas ao português culto ou padrão aceitas na lusofonia. Deixamos claro que não incluímos os empréstimos, aqueles que se adaptam à língua de chegada. Exemplos:

(02) “... deixar qualquer **fashionista** de queixo caído...” (JDDF, 13/05/2016, p. 9)

(03) “... dicas para transformar um **hobby** em renda...” (JDC, 08/06/16, p. 1 e 2)

(04) “... estará com um estande no **shopping** Estação Goiânia...” (JDC, 08/06/16, p. 1)

Outros exemplos do tipo são: **status** (JDC, 08/06/16, p. 2); **coach**, (JDC, 08/06/16, p. 2); **coaching** (JDC, 08/06/16, p. 2); **airbag** (JDDF, 14/06/16, p. 9).

Os exemplos destacados nas frases acima (exceto em 02) conservaram as grafias das línguas de origem. Todas as palavras destacadas têm origem inglesa. Os estrangeirismos conservam a grafia e a pronúncia na maioria dos casos e não passam por algum aportuguesamento gramatical, tal como aconteceu no exemplo (02). Nele, a palavra **fashionista** sofreu alguma adaptação no português, passando, dessa forma, à categoria de empréstimo.

A palavra “jeans” surgiu nos anos 1800 e entrou na língua portuguesa. Desde então nunca teve uma grafia flexionada, quer dizer, não tem plural nem singular. Recentemente assistimos à frequência de uso das palavras *smartphone*, *whatsapp*, *fast-food*, *self-service*, *impeachment* nos meios de comunicação e na publicidade. São palavras que conservam as suas grafias originais.

Vejamos outros exemplos de estrangeirismos lexicais extraídos dos jornais catalanos: **ranking** (JDC, 09/06/2016, p. 2); **looks** (JDDF, 13/05/2016, p. 9); **designer** (JDDF, 13/05/2016, p. 9); **red carpet** (JDDF, 13/05/2016, p. 9); **facebook** (JDC, 06/06/16, p. 3). Tal como mostrado nos Gráficos 1 e 2, a frequência dos estrangeirismos é forte no português de Catalão. Quase todos os estrangeirismos provêm do inglês, fenômeno que se justifica pela expansão e pela valorização que a língua inglesa vem ganhando nos últimos anos, principalmente na esfera da economia e das tecnologias.

Formação de palavras a partir de siglas e acrônimos

Tal como surgiram as palavras “radar”, “aids”, “RG”, “CPF”, “laser” e muitas outras, identificou-se no nosso *corpus* de pesquisa palavras usadas no português catalano. Os acrônimos e as siglas têm participado da criação de muitos neologismos lexicais no português brasileiro. São frequentes alguns acrônimos e siglas deixarem de ser como tais e ganharem novos significados, e a isso chamamos de neologismos. Os exemplos AIDS (do inglês *Acquired Immune Deficiency Syndrome*), DNA (do inglês, *DeoxyriboNucleic Acid*), DVD (do inglês, *Digital Video Disc*), RADAR (do inglês, *Radio Detection And Ranging*) são alguns exemplos (TIMBANE, 2013). Dificilmente se reconhece que essas e muitas outras (Petrobras, por exemplo) são siglas e acrônimos; isto porque a frequência de uso se enraizou na comunidade de fala de tal forma que deixaram de ser como tal e passaram a ser palavras da língua portuguesa.

No contexto dos jornais catalanos observa-se o uso frequente de siglas e acrônimos que já não são tidas como tais por parte dos falantes. Vejamos alguns exemplos: UPA (JDC,10/06/2016, p. 1); SUS (JDC,10/06/2016, p. 2); DETRAN (JDDF, 13/05/2016, p. 4); UBS (JDC, 10/06/16, p. 2); PIS (JDC, 10/06/16, p. 3); Detran (JDC, 10/06/16, p. 5); Denatran (JDC, 06/06/16, p. 1); Agehab (JDC, 06/06/16, p. 2); CPF, PIS (JDC,10/06/2016, p. 3); Petistas, Peemedebistas (JDDF, 13/05/16, p. 2) etc. Isso significa o poder da língua de formar palavras a partir de siglas e acrônimos. Os acrônimos podem ser estrangeiros ou da língua. Veja-se que essas novas palavras fazem flexão em número e concordam sempre que possível.

A formação de nomes próprios de produtos na publicidade

A atribuição de nomes é uma característica natural e habitual dos seres humanos. O ser humano tende sempre a atribuir nomes aos fenômenos, às coisas, a tudo. Nos dias de hoje, há uma tendência em atribuir nomes próprios para nomes que eram comuns, quer dizer, há uma tendência de converter substantivos comuns em próprios.

A neologia denominativa é aquela que é criada pela necessidade de dar um nome a um objeto ou conceito novo. Reside, pois, não da vontade de inovação lexical, mas da necessidade (ANTUNES, 2012,

p. 48). A Polícia Federal Brasileira tem atribuído um nome para cada operação nova que surge. Considera-se neologismo denominativo porque tem como objetivo especificar uma determinada operação. Por isso que temos nomes como: Operação Custo-Brasil, Operação Lava-Jato, Operação Turbulência, Operação Mar de Lama, Operação Acrônimo, Operação Zelotes, dentre vários outros nomes (POLÍCIA FEDERAL, 2016).

A maior parte desses casos se verifica em nomes de produtos em supermercados e lojas de produtos alimentares. Essa tentativa de trazer um nome próprio para um produto não era comum nas décadas 1980 e 1990, fato que nos leva a concluir que se trata de neologismos. Esses nomes não estão ainda dicionarizados; por isso, na nossa pesquisa, designamos por neologismos. São substantivos próprios que criam diferença no momento da escolha do produto. Entendemos que a atribuição de nomes próprios aos produtos é uma necessidade própria dos clientes, dos cidadãos, porque visa a evitar trocas na hora de se comprar um produto.

Indo concretamente aos exemplos, podem-se citar os casos de Salgadinho Cheetos, Lâmpada Osram Led, Bolinho Bauducco, Desodorante Nivea Aero, Biscoito Peta Caseira, Pera Williams, Mexerica Ponkan, Queijo Philadelphia, Sorvete Kibon, Hamburger Perdigão, Suco Maguary, Maionese Hellmann's, Petit Suisse Danoninho, Arroz Pampa, Suco Saborelle, Cerveja Skol, Cerveja Heineken, Feijão Patureba Carioca, Cupim Maturatta Friboi, entre muitos outros nomes. Significa que não basta mandar alguém comprar cerveja. Deverá especificar qual cerveja precisa. Por isso que surgem esses nomes próprios: Cerveja Bohemia, Cerveja Sol, Cerveja Devassa, Cerveja Crystal, Cerveja Itaipava, Cerveja Kaiser, Cerveja Nova Schin, Cerveja Antarctica, Cerveja Brahma, Cerveja Skol, Cerveja Proibida, e por aí em diante.

Afirmamos que se trata de nomes próprios porque as cervejas que circulam no Brasil, citadas no parágrafo anterior, não podem ser confundidas com Cerveja Laurentina, Cerveja 2M ou Mac-Mahon, Cerveja Manica, Cerveja Impala, produzidas em Moçambique. Veja-se que, dentro de nomes próprios, existem outros nomes específicos. Por exemplo: a Cerveja Laurentina tem outros subnomes próprios: Cerveja Laurentina Clara, Cerveja Laurentina Preta, Cerveja Laurentina Premium. Estes exemplos sobre a cerveja mostram claramente como os nomes de produtos tendem a ganhar nomes próprios. Os nomes de carros também evoluíram ao longo do tempo. Há uma impressão de que os nomes de carros possuem nomes completos. Por exemplo: JAC T5, Suzuki SX4 ou Suzuki Gran Vitara, Ford New Ford (JDDF, 14/06/16, p. 8), exemplos que mostram claramente a tendência de se atribuir nomes completos.

Os hibridismos no português catalano

Segundo Bechara (2009, p. 372), chama-se hibridismo “à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes [...] a nossa língua forma com facilidades hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos”. Na cidade de Catalão, o uso frequente das palavras “moderninha wi-fi”, mix-lave, lâmpada led, aula vip, moda fitness, designer de sobancelhas, Excel avançado, Excel profissional, ar-condicionado split, lavagem premium, taxi-dog.

No JDDF foram identificados hibridismos principalmente na área da moda. Por exemplo: “botas peep-toe, tennys pé, jeans rasgado, jeans rasteirinha, velvet cajú, saia midi, cropped branco, estilo rebel chic, make poderoso” (JDDF, 12/05/2016, p. 9). A área da moda é muito criativa nesse tipo de formação. Há vários tipos de jeans: jeans retas, jeans skinny, jeans flare, jeans boyfriend, jeans capri, jeans saruel, jeans slimfit, jeans oversized, jeans bootcut, jeans jogging. Também se pode citar equoterapia (equo = água, em latim + terapia) e metrobus = metropolitano (português) + bus (inglês).

Neologismos semânticos

Os neologismos semânticos dizem respeito ao significado, ou melhor, à mudança do sentido sem necessidade de criação de uma nova palavra. Nesse caso, uma palavra ou expressões antigas muitas vezes

registradas em dicionários de língua alteram os seus significados ou ganham novos significados. Segundo Cartier e Sablayrolles (2010) e Timbane (2014), isso pode ser causado por mudanças históricas, sociais, linguísticas e psicológicas. Acrescentamos nesse leque as causas econômicas, políticas e das novas tecnologias de informação e de comunicação.

a) As palavras “pedalada” e “fiscal”, separadas, têm cada uma o seu significado, porque pode até ser consultado em qualquer dicionário de língua. Mas juntas, isto é, “pedalada fiscal”, possuem outros significados semânticos que ainda não estão registrados nos dicionários. O valor semântico da expressão “pedalada fiscal” está distante das palavras pedalada e fiscal separadas;

b) “Lava-jato” é um neologismo na língua portuguesa. Veja-se que a palavra formada é “lava-jato” e não “lava a jato” como era de se esperar, o que significa que é uma nova palavra. O *Dicionário Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009) registram: lava-bunda, lava-cabelos, lava-cu, lava-dente, lava-louça, lava-pé, lava-pratos apenas. Mas não aparece “lava-jato”, que é a movimentação, desvio ou beneficência de recursos financeiros ou patrimônio de uma organização ou estado de forma ilícita;

c) “Delator-bomba” é recente no nosso português. No exemplo “Delator-bomba da Lava Jato diz que propinas nas eleições vêm desde 1946” percebe-se o sentido a que se refere;

d) Mensalão (mês + corrupção ou mês + grande): o prefixo **-ão** tem sido utilizado para formar aumentativos na língua portuguesa. Senão vejamos: cachorro–cachorrão, gato–gatão, bobo–bobão, carro–carrão. O **-ão** nos dá o sentido de “grande”, de dimensão avantajada. Esperávamos que a palavra mensalão significasse “um grande mês, talvez de muitos dias”, mas ela se refere, hoje, a “dinheiro recebido indevidamente por um grupo de funcionários que, em vez de esperar o seu salário mensal chegar, opta por desviar dinheiro para formar um salário extra e fraudulento”. O mesmo acontece com a palavra “bolão”, que seria bola grande, maior, mas a palavras refere-se à realização de jogo de loteria em grupos. Portanto, o sufixo aumentativo **-ão** não teve o mesmo efeito. O mesmo efeito acontece com o nome próprio Ricardão. A princípio, o **-ão** traz o sentido de grandeza. Ricardão seria um Ricardo crescido, adulto. Mas a nossa sociedade atribuiu outro significado ao **-ão**. Neste caso, significa “um homem bonito, sarado que é desejado por muitas mulheres ou amante de mulheres”. Nesse caso, o **-ão** não teve o efeito esperado sob ponto de vista linguístico.

e) Outra palavra que termina com o prefixo **-ão** e que mudou seu sentido é a palavra paredão. No *Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1435), a palavra paredão surgiu em 1660 e significa “parede grande; muro muito elevado e consistente; muro ou local em que as pessoas são fuziladas”. Hoje, a palavra ganhou novos significados, por isso é um neologismos semântico. Paredão refere-se a alguém que está isolado, solteiro ou sem amizades. Este neologismo foi criado pelo programa BBB da rede de televisão brasileira Globo; por isso é possível delimitar periodicamente a data da sua criação;

f) Outro caso de mudança do sentido é da palavra “marmitex”, usada com frequência em Catalão para se referir comida servida em marmitas de cobre ou outro material providas de tampa. O *Dicionário Houaiss* registrou a palavra “marmita”, mas não “marmitex”. Nas sete acepções da palavra “marmita” no *Houaiss*, nenhuma faz alusão à comida. Então, percebe-se a evolução da palavra de marmita para “marmitex”, que nem é referente ao objeto que leva comida, mas à comida servida em um recipiente não usual no meio doméstico, mas, sim, comercial. Há uma evolução significativa da palavra. O **-ex** é um sufixo de estilo usado pelos falantes, pois a LP não tem a característica de terminar palavras com **-ex**, mas existem casos raros, como **poupex**, **duplex**;

g) Segundo o *Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 455), “chip” é um anglicismo e refere a “pequena lâmina miniaturizada (em geral de silício) usada na construção de transistores díodos ou outros semicondutores, capaz de realizar diversas funções mais ou menos complexas.” A explicação do *Houaiss* termina aí, e não faz alusão ao cartão utilizado para identificar, controlar e armazenar dados de telefones celulares de tecnologia do sistema global de comunicações móveis (em inglês GSM), o que, no Brasil, se chama “chip”. A função básica

de um “chip” é a autenticação do cliente. Portanto, “chip” é um neologismo no contexto do português do Brasil. Dissemos contexto do Brasil porque, em Moçambique, se chama “cartão inicial” e, em Portugal, “cartão SIM”. Analisando a palavra “chip” em 2 dicionários do inglês britânico e 1 dicionário do inglês americano, nada consta que se trate de cartão, o que nos leva a concluir que a palavra “chip” do inglês mudou o seu valor semântico, adquirindo o sentido novo, de “cartão” usado em telefones celulares;

h) A palavra “mister”, no *Dicionário Michaelis* (2005, p. 56), significa apenas “senhor”. O *Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1299) define “mister” como atividade profissional, ofício, profissão; tratamento respeitoso formal usado na anglofonia. Mas, na frase extraída do *corpus* do JDDF, temos a seguinte frase: “O mister [Zidane] nos ajudou muitíssimo. Ele despertou essa força...” (JDDF, 13/05/2016, p. 7). Percebe-se que houve uma mudança do significado da palavra “mister”. Nesse contexto, trata-se de treinador ou técnico de futebol. “Mister” é uma palavra de origem inglesa que mudou o seu sentido semântico ao ser emprestado para o português do Brasil, passando a ter o sentido de técnico ou treinador de futebol;

i) Outro exemplo de neologismo semântico é a palavra “cool”, que no inglês significa “esfriar, acalmar, frio, fresco, calmo” (MICHAELIS, 2005, p. 22). Essa unidade lexical, ao se incorporar na LP, mudou o seu valor semântico, passando a significar “bonito”, tal como o exemplo extraído do *corpus* mostra: “... esperto da vez para não deixar o decote profundo sexy demais entre as tops e fashionistas mais **cool** do planeta” (JDDF, 12/05/2016, p. 9, grifo nosso);

j) Outro exemplo de neologia semântica na atualidade brasileira é o da palavra “família”. Segundo o Projeto de Lei 6.583/13 (BRASIL, 2013), família é o núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária. É um conceito novo, com qualidades novas e que muda completamente a ideia inicial de família; logo, é um neologismo semântico.

CONCLUSÃO

A pesquisa revelou a existência de uma atividade criativa da LP nos jornais impressos na cidade de Catalão, estado de Goiás. Observamos que a formação de palavras está ligada à cultura, pois muitas unidades lexicais só são explicadas no contexto desta variedade. A formação léxico-semântica é constante e ininterrupta e não pode ser controlada, pois quem cria e faz manutenção linguística é a sociedade. A fala é um ato da faculdade humana, esse saber é depositado na mente de cada indivíduo, que necessita inteiramente desse emaranhado de signos combinatórios para que haja uma compreensão, fazendo-se inicialmente uma comunicação. É um processo de formação de signos linguísticos, estruturas semânticas, sintáticas, usados pelos falantes (nativos e não nativos) que se relacionam ao contexto, ao ambiente que os indivíduos frequentam e/ou aqueles que estão ao seu redor.

Da pesquisa concluiu-se que os jornais têm ocorrência alta de estrangeirismos (136 casos); isso mostra que há uma entrada de palavras vindas principalmente do inglês. A entrada de palavras do inglês se justifica pela influência que esse idioma tem na arena internacional. Curiosamente, não houve casos de empréstimos do espanhol, embora o Brasil seja rodeado de países hispânicos. O JDDF teve uma ocorrência maior (91) de casos de formação por derivação e composição. É um fenômeno recorrente em todas as línguas e, muitas vezes, camufla a formação lexical. A pesquisa observou a formação de palavras por meio de siglas e acrônimos presentes no *corpus* em 57 casos. Essas novas palavras passam despercebidas e se integram à língua. Hoje ninguém pensa que radar e AIDS, por exemplo, são acrônimos. O português catalano varia sob ponto de vista semântico das palavras, resultado dos contextos regionais que o caracterizam, mas também há casos de formação de nomes próprios de produtos. Há uma tentativa de atribuir nomes próprios a tudo, talvez seja para marcar e trazer uma identidade própria do objetivo ou da coisa.

Nesta pesquisa demonstrou-se como o léxico caracteriza uma variedade ou variante. Muitas das palavras novas identificadas nos jornais não seriam encontradas em jornais portugueses, jornais angolanos ou timorenses. São palavras que imediatamente nos remetem a um determinado lugar. Para os que moram na cidade de Catalão, em Goiás, essas palavras são comuns e compreensíveis. A variante identifica uma comunidade linguística bem restrita. Falar de português catalano não se trata de falar de uma outra língua, mas, sim, de um falar característico de um lugar. Se a língua pode ser analisada sintaticamente, morfologicamente, semanticamente etc., esta pesquisa focou no elemento lexical.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. *Neologismos: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.
- ALVES, I. M.; PEREIRA, E. S. (org.). *Neologia das línguas românicas*. São Paulo: Humanitas, 2015.
- ANTUNES, M. *Neologia de imprensa do português*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.
- ASSIRATI, E. T. Neologismos por empréstimo na informática. *Alfa*, São Paulo, n. 42, p. 121-145, 1998.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. 2. ed. São Paulo: Global, 1989.
- BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 27-46, 1996.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 1, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BIDERMAN, M. T. C. Conceito lingüístico de palavra. *Revista paLavra*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 81-97, 1999. (Volume Temático “A Delimitação de Unidades Lexicais”).
- BOUZIDI, B. Néologicité et temporalité dans le processus néologique. *Revue Synergies Algérie*, n. 9, p. 27-36, 2010.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei n. 1676/1999*. Dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa e dá outras providências. Autor: Aldo Rebelo. Apresentação: 15/09/1999. Disponível em: <https://bit.ly/3uUamUS>.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei n. 6583/2013*. Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências. Autor: Anderson Ferreira. Apresentação: 16/10/2013. Disponível em: <https://bit.ly/3g4ZdLr>.
- CAETANO, C. ‘Ricardão’ é suspeito de matar marido da amante em Montes Claros. *Portal O Tempo*, Contagem, 17 mar. 2014. Cidades. Disponível em: <https://bit.ly/3gizNLR>. Acesso em: 20 jun. 2016.

- CARTIER, E.; SABLAYROLLES, J. F. Neologia, une base de donnée pour la gestion des néologismes. *Actes del I Congrès Internacional de Neologia de les Lengues Romàniques*, p. 759-767, 2010.
- CARVALHO, N. M. de. Neologismos na imprensa escrita. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 65-74.
- CARVALHO, N. M. de. A criação neológica. *Revista Trama*, v. 2, n. 4, p. 191-203, jul./dez. 2006.
- CARVALHO, N. M. de. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- DIAS, L. F. O nome da língua do Brasil: uma questão polêmica. In: ORLANDI, E. P. (org.). *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes, 2001. p. 185-198.
- FELLER, J. La communication et langues. *Revue Persee*, v. 30, n. 1, p. 127-137, 1976.
- FIORIN, J. L.; PETTER, M. (org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Hacette, 1975.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Houaiss; Objetiva, 2009.
- HUMBLEY, J. *Emprunts, vrais et faux dans le Petit Robert 2007*. Paris: [s.l.], 2008.
- HUSTACHE-GODINET, H. Quelques néologismes du lexique informatique. *Revue de l'EPI*, n. 69, p. 53-69, mars 1993.
- ILARI, R. Reflexões sobre a língua e identidade. In: BORBA, L. do R.; LEITE, C. M. B. (org.). *Diálogos entre língua, cultura e sociedade*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 17-50.
- JORNAL DIÁRIO DE CATALÃO. Catalão, Goiás, a. 15. (Edições pesquisadas: 3515, 3516, 3517, 3518, 3519).
- JORNAL DIÁRIO DITO E FEITO. Catalão, Goiás, a. 27. (Edições pesquisadas: 1358, 1359, 1360, 1361, 1362, 1363, 1364, 1365, 1368, 1369, 1370).
- MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Categorização gráfica e funcional na aquisição da escrita e da leitura em língua materna. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 89-94, jan./jun. 2004.
- MICHAELIS. *Dicionário de inglês*. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- NOLL, V.; DIETRICH, W. (org.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.
- PAVEL, S. Néologie lexicale: transfert, adaptation, innovation. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, Québec, CA, v. 1, n. 2, p. 125-137, 1989.
- POLÍCIA FEDERAL. *Agência de notícias*. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3yRPArS>. Acesso em: 23 jun. 2016.

SABLAYROLLES, J.-F. La néologie aujourd'hui. In: GRUAZ, C. (org.). *À la recherche du mot: de la langue au discours*. Limoges, FR: Lambert-Lucas, 2006. p. 141-157.

SABLAYROLLES, J.-F. Extraction automatique et types de néologismes: une nécessaire clarification. *Les Cahiers de Lexicologie*, n. 100, p. 37-53, juil. 2012.

SABLAYROLLES, J.-F.; JACQUET-PFAU, C. Les emprunts: du repérage aux analyses. diversité des objectifs et des traitements. *Neologica*, n. 2, p. 19-38, 2008.

SAMADOV, N. *Tendances de la neologie dans la radio analyse a travers la Radio France International*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université Marc Bloch, Strasbourg, 2007.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: SAPIR, E. (org.). *Linguística como ciência*. Tradução J. Mattoso Câmara JR. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969. p. 43-62.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, T. C. C. Aspectos da historicidade da língua portuguesa falada no Brasil. In: ORLANDI, E. P. (org.). *História das idéias linguísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes, 2001. p. 155-166.

TIMBANE, A. A. A criatividade lexical da língua portuguesa: uma análise com brasileirismos e moçambicanismos. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 18, n. 2, p. 7-30, 2013.

TIMBANE, A. A. A lexicultura no português de Moçambique. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Catalão-GO, v. 18, n. 2, p. 43-59, jul./dez. 2014.